



MILITÂNCIA ANTIESPECISTA

Libertação para todos os animais.

Por um feminismo antiespecista



O feminismo nos ensinou a desconfiar daquilo que uma sociedade apresenta como natural. A divisão entre público e privado, a suposta inferioridade intelectual das mulheres, a ideia de que a maternidade determina um destino social ou de que certos trabalhos pertencem "**naturalmente**" às mulheres foram, durante séculos, construções ideológicas utilizadas para organizar relações de poder. O mesmo vale para a **fronteira entre humano e animal**.

A **oposição entre razão e emoção, cultura e natureza, civilização e animalidade não é neutra**: na tradição patriarcal, o homem foi associado à razão e à cultura; mulheres e animais, à natureza, à corporeidade e à emoção. O resultado foi uma ordem na qual aquilo que é identificado com a natureza pode ser subordinado, apropriado e utilizado.

Ecofeministas há muito denunciam essa associação como uma das **bases da inferiorização** das mulheres; a **mesma lógica** que as colocava abaixo dos homens coloca os animais não humanos abaixo dos animais humanos.

O **especismo**, portanto, não é apenas um preconceito individual, mas uma **estrutura social** e

ideológica que determina quais vidas podem ser utilizadas e quais interesses podem ser ignorados. Toda uma sociedade foi organizada para que trilhões de seres sencientes sejam reproduzidos, confinados, **explorados e mortos** sem que isso seja percebido como uma **questão de justiça**.

Carol J. Adams, uma das principais referências do feminismo antiespecista, demonstrou em *A Política Sexual da Carne* (1990) como o **consumo de carne** está inscrito nas **relações patriarcais** de gênero. Em uma cultura que associa carne à força, virilidade e masculinidade, seu consumo participa da construção de **identidades ligadas ao poder e ao domínio** sobre outros corpos. É nesse contexto que Adams desenvolve o conceito de "**referente ausente**": para que o animal possa ser consumido, sua existência como indivíduo precisa desaparecer — a vaca torna-se "carne", o porco, "presunto". Sua morte e sua história são apagadas para que seu corpo se torne mercadoria e alimento. Para Adams, essa lógica permite que mulheres e animais sejam simultaneamente objetificados,

fragmentados e tornados consumíveis, revelando como a política patriarcal de gênero e a exploração animal se articulam.

É preciso, então, **olhar diretamente para esses animais**. Na pecuária, são selecionados e reproduzidos para adquirir características economicamente desejáveis e passam a existir como unidades produtivas; ao final, são mortos para que seus corpos sejam transformados em mercadorias. Nos laboratórios, na moda, no entretenimento, na caça esportiva e em tantas outras atividades, seus **interesses são subordinados aos nossos**, não por necessidade ou sobrevivência, mas por **lucro, prazer, luxo, tradição ou conveniência**. O princípio que torna essa violência possível é anterior ao ato: o animal é concebido como propriedade, instrumento e meio para fins humanos. As **fêmeas** ocupam uma **posição particularmente brutal nesse sistema**: sua reprodução é forçada, seus filhotes separados e seus corpos, abusados uma vida inteira, são descartados quando deixam de 'produzir'. Por serem propriedade, não possuem qualquer autodeterminação nem podem proteger seus próprios filhotes.

É nesse ponto que a crítica feminista precisa avançar, mas também olhar para sua própria **história**. Catharine MacKinnon questiona a exigência de que grupos subordinados demonstrem possuir características do grupo dominante para conquistar consideração. Se foi injusto exigir que mulheres provassem ser "como os homens" para serem



MILITÂNCIA ANTIESPECISTA

Libertação para todos os animais.

reconhecidas como sujeitos plenos, por que os animais deveriam provar que são "como os humanos" para que seus interesses sejam respeitados? Um animal não precisa falar nossa língua ou produzir ciência para possuir interesses. **A pergunta não é se são como nós, mas por que deveriam ser para que sua exploração fosse considerada injusta.**

A história do feminismo, aliás, não é estranha a essa pergunta. **Mulheres** estiveram entre as primeiras organizadoras dos **movimentos de defesa dos animais**. No século XIX, **Frances Power Cobbe**, feminista, sufragista e defensora dos direitos das mulheres, liderou a campanha britânica contra a vivissecção; **Anna Kingsford**, médica e sufragista, e **Elizabeth Blackwell**, uma das primeiras mulheres médicas formadas nos Estados Unidos, também se opuseram à experimentação animal. Nos Estados Unidos, **Caroline Earle White** organizou uma das primeiras sociedades antivivisseccionistas. Para essas ativistas, a questão não era apenas "ajudar os animais", mas **enfrentar uma estrutura de poder** que autorizava instituições científicas a decidir quais corpos poderiam ser utilizados, violentados e sacrificados. Como mostra a historiadora **Diana Donald**, a vivissecção assumiu, para muitas dessas ativistas, uma dimensão de gênero: uma ciência dominada por homens reivindicava autoridade para exercer poder sobre corpos considerados disponíveis para uso. Muitas mulheres que lutavam pelos animais eram tratadas como **"sentimentalistas"** ou **"histéricas"**.

Essa forma de desqualificar o debate permanece presente até hoje.

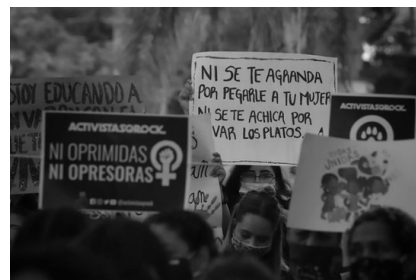
Recuperar essa história é fundamental. A defesa dos animais não foi uma pauta acrescentada posteriormente ao feminismo: mulheres já organizavam sociedades, campanhas e movimentos antivivisseccionistas enquanto lutavam por seus próprios direitos. A tradição antiespecista contemporânea herda essa militância e foi aprofundada por autoras e ativistas como **Carol J. Adams, Josephine Donovan, Marti Kheel, Greta Gaard, Lori Gruen, Aph Ko e A. Breeze Harper**, sendo posteriormente enriquecida por perspectivas feministas negras e decoloniais e por contribuições do Sul Global, como as de **Anahí Gabriela González**.

A crítica feminista precisa enfrentar o **antropocentrismo**. Gênero, raça e classe são analisados como categorias socialmente construídas, mas a **categoria "humano" frequentemente permanece como limite inquestionado da justiça**. O especismo é deslocado para a esfera privada e o veganismo reduzido a uma escolha individual, como se a **violência sistêmica contra trilhões de animais** não fosse uma **questão política**. Incluir os animais não diminui nenhuma luta humana: significa reconhecer que eles não são símbolos de nossas opressões, mas sujeitos que sofrem diretamente a violência que denunciamos.

Como escreve Anahí González, desafiar os limites éticos e políticos do presente exige escutar os gritos daqueles cujas vidas se tornaram "inabitáveis" pelas normas que organizam nossa sociedade. Se a **animalidade foi historicamente submetida ao sacrifício, ao controle e à invisibilidade** pelos regimes especistas, enfrentar o especismo exige imaginar outras formas de habitar o mundo e construir o comum. Isso significa romper com a normalidade de um sistema que nos ensina a olhar para animais sencientes e enxergar mercadorias, alimentos, cobiças ou objetos de entretenimento.

Reconhecer uma vulnerabilidade que compartilhamos não significa apagar as diferenças entre nossas experiências, mas permitir que elas se tornem ponto de partida para **subverter a ordem que naturaliza a dominação**. É colocar-se ao lado daqueles que foram historicamente subordinados, explorados e silenciados e, a partir daí, questionar os limites do próprio mundo que herdamos.

O feminismo nos ensinou a perguntar quem está invisível dentro de uma estrutura de poder. O antiespecismo nos obriga a fazer essa pergunta para além das fronteiras da espécie.



Organize - se

- Junte-se ao nosso coletivo e venha participar das ações!
- Apoie santuários e protetoras.
- Elimine o consumo de produtos de origem animal.
- Leve este boletim para outra pessoa.

A libertação animal não acontecerá sozinha.

A mudança começa com consciência e ação coletiva.



Visite o nosso site



@militancia.antiespecista

militanciaantiespecista@gmail.com